

SAUDANDO JOSÉ TELLES

Carlos Augusto Viana

I

O pó de muitos passos banha a rua
Sobre a primeira conta do Rosário;
Das águas e do barro surge a Casa
Da Terra de Alencar – sementeira.
Às árvores em febre, num delírio
de notas musicais, de doces frutos,
derramam-se nas pedras, nos arbustos,
num contraste de tons – um negro brilho.
A cidade, estafada, fecha as pálpebras
Recolheu-se o tecido do crepúsculo;
Lentas gotas de som marcam o minuto
Em que novas mãos se movem na aldrava.
A casa abre seus olhos; nesse instante
E singra seus corredores um viandante.
Vejo no corredor um viandante

II

Mas de onde ele vem? Onde o seu país?
Em que mapas as linhas dos alqueires?
O pêndulo das dunas, azuis peixes
mais lhe dirão da seiva e da raiz
Deixemos que percorra essa passagem
Sob os olhos atentos dos retratos;
Os mortos mais que os vivos sabem a traça
Que perseguem as roupas na bagagem.

Até que chegue aqui, em passos leves,
Apertará as mãos de seus amigos;
Habitamos molduras; nesse rito,
Também somos aqui – tudo tão breve.
Mas antes que se mova o reposteiro,
Busquemos do passado o vinhadeiro.

III

As águas se movem,
Se movem espumas,
Lá vai a jangada
De velas infladas,
Nas ondas do vento,
Nos braços do mar.

Da Praia das Almas
Partiu tão ligeira,
Já cruza o Coqueiro,
Bem perto, bem perto,
Eis a Parnaíba
São Luiz Gonzaga.

Neste Colégio, muitas as cartilhas;
E outra aprendizagem. Pedro e Almerinda,
O início da viagem. Adalto, Antônio e Paulo;
Francisca e Maria --- sementes
e vagem.
Tua poesia
já entranhada
Na paisagem. O alfange
Do peixe na brasa

Da estiagem. O odor do silêncio
Que os mortos
Conservam na bagagem. As nuvens
Semoventes – indelével tatuagem. O jantar
Com os pássaros –
A primeira visagem. A poesia
Cirze na pele
E é toda voragem. Uma porta
Se abre
à tua passagem: Ana Karenina,
Artur Henrique e João Pedro –
Os frutos da aragem. Dois livros
De poemas: “O lacre do silêncio”, e
“O solo das chuvas” – tua
Inefável roupagem.

IV

O lacre do silêncio são palavras
cultivadas nos cântaros do vento;
por gentilezas das chuvas, – riachos
se quebram no espelhos do momento
O lacre do silêncio, cicatrizes
que se espalham na pele das palavras:
a combustão do tempo, as ilusões
que brotam dos canteiros dessas lavras.
O lacre do silêncio são imagens
para sempre esculpidas nas retinas:
as palhas duma aldeia, as suas espumas,
as dunas em suas danças cristalinas.
O lacre do silêncio são lembranças
das horas coalhadas nas faianças.

V

Os mortos são paisagens que intumescem
dentro da noite branca, sem guitarras:
escarpas rolam, pétalas fenecem,
desprendem-se da lua as cimitarras.
Os mortos têm cor e sabem das chuvas;
nas agendas de pedra, incrustados
acompanham a sina das saúvas,
e sobre o tempo passam seus arados.
Há no solo das chuvas calendários
que deságuam da boca desses mortos:
seus alpendres de pó, seus passos vários,
as adagas dos peixes, onde os portos?
E no solo das chuvas vejo a ceia
Para os mortos que singram tua aldeia.

VI

A poética de José Telles– “Conversando”; “Poemas Estivais”; “Sermões de Pradaria”; “O lacre do silêncio” e “Solo das chuvas” – anuncia-se essencialmente lírica, mesmo se inscrita na engrenagem social. Seu discurso vadeia rios do eu, filtrando pela voz poemática, a essência humana. Se capta cenas cotidianas, se apreende realidades circundantes, tudo isso se converte em elemento pastoso de interioridade. Daí o contumaz encontro com o passado, no qual, mais do que a infância propriamente dita, assoma o imemorial, em elos de atavismo que não se dissolvem, como no poema “Jardim com pássaros e silêncios”.

Nestas ruas
onde caminham segredos

existe um porto
onde navegam os mortos

Estes pássaros que jantam comigo
E me convidam a voar
nem percebem que estou preso
nessa gaiola de pedra.

No salitre da paisagem
rumino silêncios
e encaderno palavras
Os pássaros recolhem minhas perdas.

Nesse poema, a voz lírica não se detém por sobre uma vivência cotidiana, de que se reconhecem os elementos que a confirmam. Não. Observemos que, na primeira estrofe, em vez de homens, na sua luta brava do dia-a-dia, "caminham segredos" nas "ruas"; e se há "um porto", nele "navegam os mortos". As imagens das "ruas" e do "porto", sendo, no seu bojo, abstratas, remetem ao longe, uma terra talvez da infância, quer seja esta uma experiência individual ou não.

Há, também, a metalinguagem orientando a criação poemática, ainda que se mostre tão-somente como uma digressão e não se concentre nos vazios ou nos empecilhos da construção textual. Deparamos a relação do poeta com o poema: preso a uma "gaiola de pedra", as palavras-pássaro – as que comparecem à sua ceia – incitam-no à libertação pelo poético; é como se apenas a partir do ato de fazer poesia fosse possível a tessitura dos voos. Sendo assim, contemplando essa incorpórea "paisagem", o eu lírico retira-lhe, tacitamente, o adubo, triturando o mosto desse momento, para, por fim, livrar-se daquela "gaiola" e, invertendo a situação, encadernar aquelas palavras-pássaros, isto é, pô-las nas grades de uma folha de papel, e, depois, juntá-las ao livro.

O poema-título, "O solo das chuvas", é, nesse sentido, primoroso:

O pó de minhas têmperas
apascenta os cílios da noite.
Um solo de chuva
açoita a primavera da memória.
Minha eternidade
se assenta no sal de meu delírio
e o azul de minhas lembranças
embala meus silêncios.

Imprime-se aí uma metapoesia, mas em dois caminhos: por um lado, é poesia em si; por outro, comporta exercícios acerca da composição. Dissolvidas as têmperas" – imagem que diz respeito à busca pela palavra-poética –, os olhos do eu lírico, insone, dilatam-se na "noite". Mas eis que advém "Um solo de chuva", em toda a sua força inaugural: assim, a poesia chega ao poeta, vencendo as fronteiras que o impediam de atravessar a estrada do encantatório; desse modo, o que é fugaz, como uma magia, conserva-se na escritura, sendo esta "o sal" de seu "delírio".

A imagem impressa em "O solo das chuvas" é plena de polissemia: se há uma relação intrínseca entre o poeta e o poetar, o "solo" é o livro: e as "chuvas" os poemas – suor e lavoura, colheita de seu embate com o mundo.

No poema "Palavras no azul", José Telles versa, mais uma vez, acerca da problemática da palavra, vendo-a como elemento-chave para a inserção do sujeito no mundo:

Quando escrevo
espero a noite,
– a noite facilita o amanhecer das palavras,

As palavras definem meu contorno
e se bifurcam na alma
sou prolapso no carrossel das heranças.

De meu passado fogem pérolas,
enfeitadas com os cílios da memória,
Invento minha realidade,
sou líquido quando escrevo.

Ao afirmar que espera “a noite” para escrever, pois esta “facilita o amanhecer das palavras”, o eu lírico, a partir de um jogo antitético, atrela o poético ao lúdico. A poesia assume uma forma transcendental, pois, além da procura de uma expressão formal que traga novos conteúdos de composição textual, o poeta visa, também, a uma própria conceituação de sua atividade criativa: põe-se, de chofre, à espera das palavras, para que estas ocupem, então, a sua forma definitiva, a ser ditada pelo poema.

Desse modo, num emaranhado de sugestões, o poético se instaura a partir do desvio sofrido pelo termo “prolapso”, pois este, metaforicamente, estabelece um elo entre a exterioridade – sugerida por “contorno”, remetendo, assim, a um corpo, expressão da matéria física – e a interioridade, definida por “alma”.

As “palavras” expressam o sentido do que seja, deveras, um poeta: um ser de quem só se conhece o “contorno”, ou seja, circunscrito apenas em sua superfície; e é exatamente isso o que dele elas dizem, se postas no eixo da horizontalidade; por outro lado, as “palavras”, estando num permanente torvelinho, quando mergulhadas em sua subjetividade – dele, poeta –, revelam, agora de modo vertical, que ele, também, não sabe de si; desse modo, por desconhecer seus próprios abismos, vive a vigília de uma vertigem: sendo: “prolapso no carrossel das heranças”.

Se, dentro dele, muitas “palavras” se perdem em múltiplas veredas, ele sofre o mesmo desastre e, sendo um “prolapso”, conhece perdas e quedas; e a poesia se converte, assim, em salvação.

Sendo “líquido” quando escreve, o eu lírico precisa dos “cílios da memória” para, assim, conservar o seu “passado”; e mais: necessita, antes de tudo, inventar uma “realidade” só sua, a fim de que possa, com tal recurso, estabelecer uma ponte entre o ontem e o hoje, na cristalização daquele “azul” – a que o título do poema remete numa rede de simbolização.

A palavra, em seu estado poético, é, ao mesmo tempo, voz e silêncio. José Telles persegue as diversas possibilidades da linguagem, compreendendo-a sempre como material estético. Sob a crosta da palavra, adormece um mundo – este sempre aberto a quem a essas terras deseja cultivar,

VII

Cantor de umas dunas de espumas e sal
De tantas cartilhas, cadernos de areia;
De letras impressas no sangue das veias,
No solo das chuvas, na sanha lacrau.
O rio Batuba vai dar no Pontal.
A palha das casas no sol a queimar,
O linho das tardes – tecido solar
Capela sagrada de Santa Adelaide
De tantos milagres no manto alvaiade
Nos dez de galope na beira do mar.

VIII

À porta da Casa, é-vem o poeta
Façamos silêncio, parado ele está;
Das harpas da noite, brotam macanás
Perfumam as margens da rota secreta.
Desfeitas as curvas, e tudo são retas;
A música brota de seu caminhar
Seus versos são livres, sem rimas em A;
Ouçamos seu canto, que as dores repele;
Abramos os braços para José Telles
Nos dez de galope de Pitupitá.